

**GEOGRAFIA E LITERATURA: UMA OLHAR SOBRE A PERSPECTIVA
INTERDISCIPLINAR**

GEOGRAPHY AND LITERATURE: A LOOK AT INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVE

Úrsula Tostes da Silva

Programa e Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento,
Universidade Estadual do Paraná-*Campus* Campo Mourão.
Avenida Comendador Norberto Marcondes n.733, CEP 87.303-100 Campo Mourão, Paraná, Brasil.
E-mail: ursulamesmo@yahoo.com.br

Marcos Clair Bovo

Departamento de Geografia/Programa e Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento,
Universidade Estadual do Paraná-*Campus* Campo Mourão.
Avenida Comendador Norberto Marcondes n.733, CEP 87.303-100 Campo Mourão, Paraná, Brasil.
E-mail: mcbovo69@gmail.com

Resumo

A aproximação entre a geografia e a literatura ocorre por meio da abordagem cultural na geografia que estabelece relações humanas e também influenciam a sua organização espacial. Dessa forma, ocorre a leitura e a interpretação de obras literárias que no olhar do geógrafo humanista estão os objetos de investigação, pois estes indicam e informam sobre as condições humanas, ou seja, os estilos de vida, as características sociais, culturais, econômicas e históricas dos diferentes lugares retratados. Assim sendo, identifica-se a obra literária como documento de certa realidade dos indivíduos de determinado lugar. Diante disso, o artigo objetiva analisar o conceito de lugar na geografia e na literatura por meio da perspectiva interdisciplinar. O aporte metodológico é constituído de pesquisa bibliográfica em livros, periódicos científicos, teses e dissertações sobre a temática. Os resultados indicam que a abordagem interdisciplinar contribui para a compreensão do lugar a partir da geografia e da literatura, indicando novas possibilidades de perceber o mundo que está a nossa volta e, principalmente compreender o lugar a partir da perspectiva interdisciplinar e não por apenas uma ótica. Ressaltamos que as possibilidades de aproximação entre a geografia e a literatura se dão por meio da abordagem cultural humanista, presente na geografia.

Palavras- Chave: Interdisciplinaridade, Geografia, Literatura, Lugar.

Abstract

The rapprochement between geography and literature occurs through the cultural approach to geography that establishes human relationships and also influences its spatial organization. In this way, there is the reading and interpretation of literary works that, in the eyes of the humanist geographer, are the objects of investigation, as they indicate and inform about human conditions, that is, lifestyles, social, cultural, economic, and social characteristics and the history of the different places portrayed. Therefore, the literary work is identified as a document of the unavoidable reality of individuals from a certain place. Thus, the article aims to analyze the concept of place in geography and literature through an interdisciplinary perspective. The methodological contribution consists of bibliographical research in books, scientific journals, theses, and dissertations on the subject. The results indicate that the interdisciplinary approach contributes to the understanding of the place from geography and literature, indicating new possibilities to perceive the world around us and, mainly, to understand the place from an interdisciplinary perspective and not just from one viewpoint. We emphasize that the possibilities of rapprochement between geography and literature occur through the humanist cultural approach, present in geography.

Keywords: Interdisciplinarity, Geography, Literature, Place.

1. Introdução

Este artigo objetiva apresentar a análise da Geografia e Literatura por meio da perspectiva interdisciplinar. Para tanto, iniciamos este artigo destacando que essas duas disciplinas possuem duas formas de compreender o mundo e o que nele está contido. A Geografia e a Literatura, nas dimensões do conhecimento, são ciências, porque se ocupam com as marcas, os espaços, a linguagem verbal e a linguagem não verbal; preocupam-se também com os gráficos da terra, tal como as palavras que se associam à abrangência de conceitos do mundo. Assim sendo, percebemos a Geografia e a Literatura a partir de uma particularidade comum: o privilégio à amplitude, resultando assim na abertura à diversidade.

Nas últimas décadas do século XX e nas primeiras décadas do século XXI têm havido a ampliação dessa abertura para a diversidade devido à busca de novas formas de conhecimento da realidade e na tentativa de entender as questões presentes no campo científico. Desse modo, o fortalecimento e a aproximação entre Geografia e Literatura foram inevitáveis. Tal aproximação

ocorre com a abordagem cultural na Geografia que propõe a cultura para a compreensão das temáticas geográficas por meio das relações humanas e a sua influência na organização espacial.

Nesse sentido, a aproximação dessa abordagem está na leitura e na interpretação de obras literárias que no olhar do geógrafo humanista estão os objetos de investigação, pois estes indicam e informam sobre as condições humanas, ou seja, os estilos de vida, as características sociais, culturais, econômicas e históricas dos diferentes lugares retratados. Assim sendo, identifica-se a obra literária como documento de certa realidade dos indivíduos de determinado lugar. Diante disso, as produções dos escritores refletem a sua visão de vida, de homem, de espaço e de lugares de uma sociedade em um determinado período.

Diante disso, a abordagem cultural na Geografia é constituída de vários elementos, dentre eles: da reprodução, da percepção, da abstração, da relação entre as pessoas em sociedade ou entre grupos, das diferentes imagens e significados dos lugares. Ela é caracterizada pelas interações de conhecimentos entre as pessoas, das emoções, imagens, símbolos, valores e da visão e ideias em relação ao mundo. Essas apreensões contribuem para aprofundar a investigação presente na configuração do espaço das obras literárias, por meio da representação, da linguagem escrita e da experiência humana do escritor.

Para Lefebvre (1980), a linguagem literária é “uma certa maneira refletir, na sua estrutura, os objetos, as ideias, as sensações que comunica, que ela possa de algum modo imitar o seu conteúdo. Nem por isso, porém a obra deixa de repousar sobre uma realidade pré-existente, nem a função da linguagem de ser”. Para o autor, a obra representa uma determinada realidade que é “[...] “o mundo, mas é também uma visão do mundo e, finalmente, uma ‘tomada de posição’ sobre o mundo (LEFEBVRE, 1980, p.18).

Assim, entendemos que a linguagem literária é uma forma de compreender a realidade, os fatos, as experiências humanas em determinado tempo, ou seja, ela revela a percepção e o posicionamento do escritor frente ao mundo.

Corroborando com Lefebvre (1980), Castro (2016) pontua que existem trocas, intercâmbios entre Geografia e Literatura, essas são a nosso ver mais uma vontade, resultado da decisiva convergência de olhares do que propriamente algo efetivo e viabilizado. Sendo assim, para a autora, a aproximação existente entre as duas áreas do conhecimento surge como a expressão de desejos assomados por entre interstícios do que é denominada ordem disciplinar, pois são anseios correspondentes também às expectativas da própria ciência. Contudo, uma ciência que busca transformar-se à luz de novos valores ao permitir a inovação e a transformação, corrobora também para o favorecimento e enriquecimento da complementação entre as áreas de conhecimento historicamente distanciadas.

Há entre a Geografia e a Literatura uma viabilidade, um acolhimento, uma predisposição, sobretudo no que diz respeito à incorporação da Geografia por parte da Literatura. Por outro lado,

a Geografia tende a se aproximar da Literatura admitindo-a de maneira mais geral de duas formas: a primeira como “cópia da realidade” e a segunda como “representação”. Por isso, é possível afirmar que as obras literárias mostram: imagens de lugares, linguagens típicas regionais, descrições vivas dos personagens e paisagens.

Este artigo segue a ótica da interdisciplinaridade, palavra essa que não pode ser definida como de sentido único, pois se trata de um neologismo e, por isso, tanto a sua significação quanto o seu papel não pode ser compreendido de uma única maneira.

A interdisciplinaridade, de acordo com Japiassú (1976), independente da palavra possuir vários significados, o seu sentido real não mudaria, já que a interdisciplinaridade possui como peculiaridade a intensidade de trocas que vem dos especialistas perpassando pelo grau de integração entre as disciplinas. Fazenda (2011) corrobora com o autor supracitado, mas enriquece a definição ao afirmar que a interdisciplinaridade tem o papel de também indicar a colaboração entre diversas disciplinas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência. Além disso, Fazenda (2011, p.73) afirma que a “interdisciplinaridade não é nem ciência, nem a ciência das ciências”. Portanto, para a autora, ela seria um ponto de encontro entre os movimentos de renovação perante aos problemas da educação e do ensino, trazendo então a possibilidade de finalizar o hiato existente entre a atividade profissional e o ensino.

Diante disso, o aporte metodológico teve como base a pesquisa bibliográfica, para tanto utilizamos livros, periódicos, teses e dissertações sobre a temática, os quais nos auxiliaram na construção do corpus textual.

Assim sendo, o artigo além da introdução encontra-se estruturado em dois tópicos, sendo que o primeiro intitulado “interdisciplinaridade e a integração dos saberes” que busca trazer reflexões gerais sobre a interdisciplinaridade com ênfase no diálogo em Geografia e Literatura. Já o terceiro tópico intitulado “Geografia e Literatura: perspectivas interdisciplinares” objetiva estabelecer relações interdisciplinares entre Geografia e Literatura. E, por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

2. Interdisciplinaridade e a integração dos saberes

A interdisciplinaridade é mesmo capaz de não ser qualquer coisa que se faça. Ela situa-se algures, entre um projeto voluntarista, algo que nós queremos fazer, que temos vontade de fazer, mas ao mesmo tempo, qualquer coisa, independente de nossa vontade, se está inexoravelmente a fazer o que queiramos ou não (POMBO, 2005, p.4).

Hodiernamente, pesquisas pautadas na interdisciplinaridade têm ganhado espaço no meio acadêmico, já que as mesmas têm se mostrado relevantes. Dado que, procuram o diálogo entre áreas, antes sem afinidades aparentes. Dentro dessa ótica, buscamos estabelecer a relação

entre a Geografia e a Literatura, tendo em vista as novas possibilidades de investigação. Destarte, entendemos a interdisciplinaridade como um processo de diálogo entre as disciplinas. De acordo com Raynaut (2011, p.103), a interdisciplinaridade é “um processo de diálogo entre as disciplinas firmemente estabelecidas em sua identidade teórica e metodológica, mas conscientes de seus limites e do caráter parcial do recorte da realidade sobre a qual operam”.

Dada a definição da palavra, procuramos estabelecer o que vem a ser a interdisciplinaridade para a ciência e para a pesquisa. Embora o dicionário traga a definição da palavra de uma maneira simples, sabemos que na academia, de acordo com Belini (2016), tem-se o conhecimento do conceito interdisciplinaridade há pelo menos cinquenta anos. Contudo, dir-se-á que definir a palavra não é das tarefas mais fáceis, mesmo a interdisciplinaridade tendo conquistado adesões na prática e na teoria.

No que tange ao contexto histórico do desenvolvimento da interdisciplinaridade, sabemos que mesmo com as definições e adesões, a interdisciplinaridade foi introduzida no vocabulário da ciência, e tal palavra se mantém inserida no meio científico porque é a partir dela que se faz uma crítica à especialização da ciência.

Para Belini (2016), a especialização crescente resulta do efeito do progresso científico, por sua vez impõe limites não só à comunidade científica como também aos que participam de outras comunidades.

Assim, Belini (2016, p.12-13) destaca que “divulgação e recepção o conceito de interdisciplinaridade decorre das discussões da década de 1960, e constitui, nesses primeiros anos do século XXI, um rol de definições”, embora algumas divergissem outrora concordassem, havia um ponto em comum: a de que “a especialização da ciência em diferentes campos de conhecimento científico que, por sua vez, se dividiram em outros ramos”. Foi também na década de 1960 que a interdisciplinaridade foi pensada para melhorar a formação tanto dos professores quanto dos alunos. A interdisciplinaridade entraria no âmbito “curricular uma concepção avançada”. A interdisciplinaridade, portanto, em sua multiplicidade de aspectos, com suas características, possibilidades e desafios que tem a capacidade de indicar em qual nível as questões teórico-metodológicas se apresentaram no início da segunda metade do século XX e continuam nos desafiando. O fato é que em sua essência, a ciência procura se distanciar e se emancipar de outras formas de conhecimento por se considerar tal atitude válida, no entanto esse fato ocorre para que exista entendimento entre o homem e a natureza, independente da natureza ser mítica, religiosa, de senso comum e também filosófica.

Ao buscar pensamentos que permitam trocas entre as duas áreas de conhecimento, de forma específica entre a Geografia e a Literatura por meio do conceito de lugar que compõe o título do romance “Um Lugar ao Sol”. Portanto, compreendemos haver comparações, conceitos e teorias que pertencerão à outra disciplina e isso, de maneira predominante, acarretará a desconexão das

explicações próprias daquela disciplina. Assim, a conceituação de lugar para a Geografia e para a Literatura apresentam diferenças fazendo com que as duas áreas de conhecimento sejam divididas em duas classes: as afirmações pressupostas pela teoria e as afirmações típicas de cada teoria.

Para conseguirmos uma visualização da forma óbvia de pensamento, destacar-se-á a ideia de que ao identificarmos as diferenças entre as pesquisas disciplinares e interdisciplinares teremos a produção do conhecimento, mas para que este fato ocorra é necessário o avanço do conhecimento.

Decerto, a ciência ao usar seus próprios critérios para a descrição da realidade separará de uma maneira radical os seres humanos e aqueles que habitam o restante do universo. De maneira simultânea, podemos asseverar que a ciência não traz afirmações de que tudo seja igual, mas nos faz compreender que o ser humano possui muitas coisas em comum com outros seres, sejam eles humanos ou não.

Dessa forma, entendemos que a ciência não tem a possibilidade de responder todas as questões consideradas éticas, por outro lado a ciência tem o papel essencial e também a responsabilidade para que se traga novos desafios conceituais. Acreditamos, portanto, no pensamento de Alvarenga *et al* (2011), quando evidenciam que por ter um caráter não intrínseco, tanto das fronteiras quanto dos recortes aplicados a ela, principalmente ao pensarmos o mundo e a posição que o ser humano ocupa dentro dele, daí é possível permitir que se vá além das simplificações para melhor compreender a complexidade do mundo.

Assim, o maior desafio é ter como objetivo a reivindicação de novas maneiras de construir o conhecimento. Além disso, é preciso adotar um novo enfoque interdisciplinar, porque é por meio dele que se poderá, ainda que de maneira parcial, restituir o caráter totalitário e de complexidade do mundo real. Essas duas palavras fazem parte do contexto interdisciplinar, embora o mundo real em toda sua essência seja total, pois é feito de interações múltiplas e complexas entre os mais variados elementos que compõem esse mundo, podendo então admitir e conhecer fronteiras estanques.

A intenção dessa nova maneira de fazer ciência é que ela dialogue com outros saberes, utilize trocas, muitos aprendizados que possam auxiliar o ser humano na interpretação de seus sentidos de localização e experimentação do mundo ao invés de apenas mostrar como o mundo pode ser apenas partindo de uma idealização que busca por meio da metafísica que se sobrepõe a ele.

Essa nova forma de fazer ciência, para Castro (2016), difere-se da ciência feita até então, por meio de diálogos entre os discursos que foram separados artificialmente e que não ocorrem de “maneira espontânea” e ao trazer o “diálogo para esta nova maneira de fazer ciência”, seria experimentar as possíveis formas de indagar o outro, estimulando, portanto, não apenas a valorização das indagações a si mesmo como também estar aberto ao diálogo, ao exercício da

dúvida, logo estar aberto à aceitação do caráter provisório das afirmações. Portanto, “o diálogo para que possa ser nomeado dessa maneira, pressupõe o envolvimento das partes, cujo resultado é, em última instância imprevisível”, mas que vislumbre outros diálogos que, por sua vez, formariam novas bases, permitindo então a operacionalização e também a proposta da interdisciplinaridade e da ecologia dos saberes.

Assim sendo, Castro (2016) evidencia uma atração entre os saberes por meio de tentativas de diálogo que só é possível se ter uma certeza quando: a de que no mundo, tal como ele é constituído, não há limites e separações, mas uma natural e dinâmica interação entre os diferentes espaços. Diante disso, o mundo não necessita de mais cortes e separações, mas precisa sim de indivíduos com a capacidade de criar ligações, de rearranjar novas misturas, já que a separação da ciência em disciplinas acabou por produzir conjuntos compartimentados de conhecimentos que foram contaminados uns pelos outros, que se avolumaram nas últimas décadas.

Diante disso, partilhamos dos conhecimentos de Fazenda (2008, p.13-14), ao entender que o conhecimento desponta de uma tríplice aliança: “saber”, “saber fazer”, e “saber ser”. Logo, a interdisciplinaridade precisa ser compartilhada e não replicada. Daí, pressupõem-se que o conceito de interdisciplinaridade tende a procurar a troca de ideias locais e, como tal, a sua universalização buscando para tanto não confundir a lógica com a lógica das coisas (FAZENDA, 2008, p.14).

Para enriquecer nossa discussão acerca da interdisciplinaridade, falamos da relevância da Geografia e da forma como ela pode colaborar para o enriquecimento de outras disciplinas, é interessante destacar o ponto de vista de Santos (2008), ao dizer que o pressuposto da interdisciplinaridade é geral a todas as ciências e que elas se desenvolvem nas fronteiras de outras disciplinas, bem como a forma que elas se integram em uma filosofia. Portanto, é a busca pela interdisciplinaridade que inspira as ciências a perscrutarem soluções em conjunto com outras disciplinas. Podemos citar a Geografia como ciência interdisciplinar, porque por meio dela tem-se a possibilidade de se compreender outras ciências como a Economia, a Literatura, dentre outras.

Para Castro (2016, p.344), a Geografia enquanto ciência poderá dialogar com a Literatura quando entender a si mesma como representação. E ao pensar a “leitura que é realizada a partir de certos princípios, a Geografia deixaria de reivindicar, para si, a palavra verdadeira em supostos diálogos, considerar a subjetividade que lhe é inerente”. Pois, ao falar da subjetividade, consideramos que tanto os estudos geográficos quanto as obras literárias, de acordo com as regras convencionadas, principalmente o que é denominado de realidade, estão predispostas a obedecerem tais “regras criadas no sentido de ordenar o discurso científico e literário a ciência e as artes são interpretações ou leituras criadas por sujeitos em contato com o mundo”.

Quando falamos em contato com o mundo, respaldamo-nos em Castro (2016, p. 334), dado que ela afirma que tanto os geógrafos quanto os escritores se utilizam da linguagem para construir questões e assim eles desenvolvem de maneira racional e imaginativa “os seus objetos de

atenção”, é dessa maneira que o conhecimento é produzido, a partir de sujeitos que estão localizados em seus próprios contextos”. Ao tratarmos da interdisciplinaridade no meio científico, sobretudo no que tange à pesquisa, fica perceptível o quão essa palavra é polissêmica em termos de estudos, interpretação e ação, provocando uma amplitude de sentido entre uma gama de autores.

Assim, a interdisciplinaridade, como já foi visto, tem a capacidade de interação entre as disciplinas, podendo como nos afirma Miranda (2008, p.114), implicar na transferência das leis de uma disciplina para outra originando, portanto em alguns casos um novo curso disciplinar. Com isso, podemos afirmar que a interdisciplinaridade tem a capacidade de conviver com as diferenças, com a impotência, hegemonia e com o poder, conseguindo, portanto, ter infinitas possibilidades já que há espaços que necessitam ser preenchidos.

É exatamente pelos vários sentidos polissêmicos que a palavra interdisciplinaridade provoca, principalmente, no que os geógrafos e os escritores constroem, pois ambos partem da linguagem para desenvolver de maneira racional e imaginativa seus objetos de estudo que os levam a produzir o conhecimento de uma forma própria. No próximo tópico deste artigo buscamos estabelecer relações entre a Geografia e Literatura sobre a ótica da interdisciplinaridade.

3. Geografia e Literatura: perspectivas interdisciplinares

A Geografia tem como objeto o espaço geográfico, entendido como o espaço produzido e apropriado pela sociedade (LEFEBVRE, 1974), constituído pela inter-relação entre os sistemas de objetos naturais, culturais, políticos e econômicos (SANTOS, 1996). Dessa maneira, o espaço geográfico é formado pelos arranjos de vegetação, água, clima, relevo, populações e seus habitats, movimentos, conflitos, imigrações, ambientes rurais e urbanos, formações e transformações das grandes, médias e pequenas cidades.

Já a Literatura tem como premissa a reconstrução do mundo por meio das obras literárias, a descrição do espaço, do tempo, bem como estar interiorizada pelos personagens e seus sentimentos, a forma de pensar e as enunciações que podem recorrer e expressar qualquer saber e também qualquer tipo de conhecimento. Assim sendo, percebemos no romance “Um Lugar ao Sol” a existência de compartilhamento de ideias e conceitos tanto da Geografia quanto da Literatura no que diz respeito ao lugar, pois os limites entre as duas disciplinas parecem ser como linhas elaboradas em exercícios de flexibilidade.

Assim, percebemos que existem afinidades de diálogo entre a Geografia e a Literatura, tanto é que nos deparamos mais uma vez com a aproximação entre as duas áreas do conhecimento, uma vez que é perceptível a presença do pensamento geográfico na literatura, tendo em vista que “eles emergem em diferentes contextos discursivos, na imprensa, na literatura, no pensamento político, na estatística, na pesquisa científica, etc.”, afirma Moraes (2005, p. 32). Para

Brosseau (2007, p. 17) “o interesse dos geógrafos pela Literatura não é algo novo”. Ele destaca “[...] que o geógrafo Paul Vidal de La Blache aponta para uma geografia existente na obra Odisseia, em um artigo publicado nos Annales de Geografia em 1904”.

Diante disso, Fernandes (2013) evidencia que as relações entre a Geografia e Literatura ficaram em estado de “dormência” por muito tempo, de maneira mais específica até meados da década de 1970. Assim sendo, Brosseau (2007) corrobora com Fernandes (2013) ao destacar que anterior a essa década estavam relacionadas e voltadas para o emprego do “romance” como se fosse um complemento das análises regionais e, conseqüentemente, a Literatura não era capaz de construir bases sólidas para uma Geografia científica e rigorosa. Tais ideias, de acordo com os autores, estariam associadas à construção de uma cientificidade, à delimitação da geografia como ciência, não dando a ela a ampla difusão da relação entre Geografia – Literatura ou ciência – arte.

Na década de 1970 surge uma nova perspectiva para a Geografia: a perspectiva crítica e a ela associava-se também à Geografia humanista, e na Literatura, de maneira especial, os textos literários aparecem como fontes para os estudos geográficos. Os autores Brosseau (2007) e Fernandes (2013) possuem um ponto de vista interessante no que diz respeito ao desenvolvimento das duas áreas de conhecimento, pois a partir do momento em que se desenvolveram ideias associadas ao campo humanístico, a relação entre Geografia e Literatura acabou ganhando outra condição: houve maior intensidade na relação entre ambas.

Partindo desse ponto, podemos dizer que as relações geográficas - literárias passaram a assumir três diferentes perfis propostos por Brosseau (2007), em um primeiro momento, a Literatura é apenas o complemento da Geografia regional, num segundo momento, a Literatura surge como troca de experiências dos lugares e por último, ela surge como forma de criticar a sociedade real. Como podemos notar na passagem do romance “Um Lugar ao Sol” em que Dr. Seixas, o médico que atende a família de Fernanda e Clarissa e a outras personagens da obra. Ele tece vários comentários sobre as condições humanas, é através do olhar de Dr. Seixas que surgem críticas sobre a sociedade, como é possível observar no trecho a seguir:

Saiu. A madrugada estava fresca. Caminhou por entre os casebres miseráveis. Seus pés se afundavam numa lama mal cheirante, dum pardo quase negro. Dr. Seixas prosseguia com a maleta na mão. Ia pensando em coisas amargas. Filhos, filhos, filhos! Não tinham dinheiro nem para se sustentarem a si mesmos, e sempre a fazer filhos! Depois atiravam as crianças na lama, como porquinhos! Ratos! (VERISSIMO, 1963, p.275).

Diante do trecho supracitado, constatamos o que Brosseau (2007) diz a respeito da Literatura como crítica à sociedade. É por meio do Dr. Seixas que Erico Verissimo critica a

sociedade.

Já o segundo perfil está associado à Geografia Humanista que busca colocar o ser humano no centro das inquietações dos geógrafos, no que diz respeito aos lugares. A partir daqui os estudos geográficos que se desenvolviam como a ciência do espaço, passam a ter um novo propósito: a ciência dos lugares para o homem, estando, portanto, associada aos estudos da Escola dos Annales, movimento que possuía um conjunto de estratégias, possuíam sensibilidades, que não possuíam preocupações com a hegemonia e tampouco com as ditas definições teóricas, com isso houve a abertura do pensar não só História de forma isolada, mas associada a demais disciplinas com outras áreas do conhecimento, fazendo com que houvesse integração entre elas, buscando, desse modo, assimilar não apenas a sociedade, mas também os modelos de sociabilidade nos múltiplos tempos vividos pela humanidade, o qual é um considerado um ser social.

Compreendemos, portanto, que essa seria a forma como a Ciência que se anuncia como neutra percebe a humanidade. Ao desenvolver esses estudos, tendo como objetivo trazer o ser humano para o centro das discussões, há a transformação do perfil a ser trabalhado, pois surgem noções de valores, representações, intenções, subjetividade e identidade, enquanto que o enraizamento e a experiência concreta aparecem como ideia de senso de lugar.

A partir da perspectiva humanista e das relações entre Geografia e Literatura é que se tem o principal objetivo: fazer da literatura o objeto privilegiado para que os geógrafos consigam lidar com o confronto entre objetividade e subjetividade. Ao se apropriar das ideias de Brosseau (2007), Fernandes (2013) diz haver privilégios, principalmente para o romance, porque os geógrafos humanistas o relevam de maneira a conceder o momento ideal para haver o encontro entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo. Destarte, o romance viria a expandir as teses a respeito das identidades espaciais. Não se pode então afirmar que esse perfil particulariza as representações do mundo exterior fundamentado sobre a concepção literal para tentar transmitir as coisas como elas são, conforme se observa no perfil anterior, pois esse está vinculado à denominada Geografia Regional Francesa, que beneficia a percepção dos lugares, baseando-se nas leituras da compreensão do subjetivo.

O terceiro e último perfil feito a partir do levantamento de Brosseau (2007) e também utilizado por Fernandes (2013, p.172) está alicerçado nos levantamentos feitos a partir da historiografia. Diante disso, Brosseau (2007, p.46) afirma que seria possível utilizar a Literatura como forma de criticar a “realidade ou ideologia dominante”. Através desse pensamento, foi possível analisar a relação existente entre a Geografia e a Literatura no tocante às maneiras possíveis para estimular a estruturação de um mundo cuja justiça social possa ser mais ampla.

Por isso, ao trazermos as possibilidades de diálogo entre a Geografia e Literatura, pautamos nos princípios de que as linguagens conversam a partir de textos e contextos, além disso existem os processos de interpretação e diálogo que são delimitados pelo tempo e espaço. Ao

falamos sobre as possíveis discussões, precisamos levar em consideração algumas possibilidades como a necessidade de compreender por meio da leitura quais as condições em que a leitora e o leitor se colocam no mundo. A outra possibilidade está na probabilidade de que a comunicação precisa ser dialógica, hermenêutica e partir das mútuas interpretações possíveis.

Há a necessidade de compreender em que momento a obra literária foi elaborada, se existem fatores que vão além do motivo da elaboração, o local em que foi elaborada, ou ainda se conta também com a presença do autor e também se existe o uso dos dados geográficos. Para Ferraz (2011), há relações escalares entre os locais da trama, a interpretação, os limites das ações, os sentidos das imagens que dialoguem enquanto paisagens elaboradas pelo leitor. Outro fator relevante é o fato de que a orientação e a localização do leitor partem das personagens e das ações.

Ao considerarmos a obra “Um Lugar ao Sol”, as descrições dos lugares e das tramas, constatamos que as mesmas foram descritas de forma artística. E tais características podem ser denominadas auxiliares porque são lugares aos quais fazem referência. Daí serem levados em consideração, geralmente os aspectos físicos, econômicos, culturais e sociais do ambiente, tais como vegetação, relevo, clima, local em que as personagens vivem e a forma como falam.

Por meio das experiências do contato entre o discurso literário e o discurso geográfico, Bastos (1998, p.10.) afirma que “a representação do espaço geográfico construído pelo romance precisa ser contextualizada historicamente, já que no espaço a ser apreendido o homem somente tem acesso ao real através dos discursos que constroem as noções de realidade[...]”, é nesse sentido que a autora destaca que “o romance é um objeto capaz de desvendar articulações ideológicas expressivas do momento histórico por ele retratado e ao mesmo tempo capaz de propiciar uma representação espacial - produto das relações sociais estabelecidas em dado momento”.

Quanto à representação do espaço geográfico pelo discurso literário, Bastos (1998, p.10) destaca que este deve “[...] incorporar na análise do espaço o componente do simbólico e da representação [...]. A partir do entendimento de que a apreensão do real leva em conta uma construção simbólica e de que o espaço [...]” que deve ser compreendido como uma “representação do real” podendo estabelecer a relação entre homem e natureza. Diante disso, essa conexão entre Geografia e Literatura só se tornou possível a partir de 1970 com a inserção da Geografia Humanística, na qual o homem passa a ser analisado a partir do seu espaço de vivência, que é o fator primordial para a aproximação entre a Geografia e Literatura. Até então, a Geografia que está presente nas obras literárias era pautada em uma Geografia Física e descritiva do espaço geográfico.

De acordo com Ferraz (2011), foram várias tentativas desenvolvidas pelos geógrafos, uma delas foi a de assumir a Literatura como forma de compreender não só a lógica espacial, mas também de trazer a inovação, fazendo com que os estudos geográficos buscassem outras

experiências espaciais e de leitura de mundo por meio de documentos e obras e não de circunstâncias da abordagem científica. Destarte, Corrêia e Rosenthal (2007) que ao abordarem o desenvolvimento dos conceitos de “espaço vivido”, “sentido de lugar”, partem da ideia de que são as leituras dos fenômenos subjetivos que carregam consigo os sentidos e significados, os lugares e seus objetos, enfim, pontuam novos elementos bem como as percepções necessárias à leitura geográfica do que diz respeito à ordem espacial.

Diante disso, podemos afirmar a existência de um diálogo entre a Geografia e a Literatura por haver predisposição no que diz respeito ao acolhimento bem como à incorporação por parte da Literatura que, por sua vez, torna explícito o quanto as obras literárias expressam as imagens, os lugares, o linguajar típico, incluímos aqui as descrições vivas das paisagens e isso faz com que a Literatura seja pensada como imitação da realidade. Em contrapartida, a Geografia procura aproximar-se da Literatura de uma maneira geral, por meio da compreensão, como cópia da realidade e também como representação. É possível verificar tais características em obras como: O Primo Basílio de Eça de Queirós (1878), nas obras de James Joyce e em Madame Bovary de Gustave Flaubert (1857).

Tendo em vista as possíveis aproximações de diálogo entre a Geografia e Literatura, podemos observar que a segunda se destaca por expressar as experiências do autor assim como do grupo social ao qual ele pertence. Além disso, a Literatura tem a capacidade não só de apresentar o cotidiano dos indivíduos como também as vivências dos lugares e a alma dos locais, pois ultrapassam os saberes científicos e reconhece que a arte literária pode ser um instrumento de interpretação do mundo. Assim, para Bastos (1998), a Literatura deve ser vista como representação da realidade e fonte de investigação geográfica. Por conseguinte, a autora pontua que “através da literatura, fazer uma leitura geograficamente possível da realidade, a qual não dará conta, jamais da totalidade, pois a representação – no caso, a literatura – é sempreparcial. Através de uma ousadia nas associações, pode-se aproximar arte e ciência” (BASTOS, 1998, p.58). Assim, de acordo com as ideias apresentadas, compreendemos o quanto a Literatura possui a capacidade de apresentar linguagem subjetiva, trazendo, assim, probabilidade de complementar a linguagem objetiva da Geografia.

Portanto, estabelecemos no decorrer deste tópico as relações entre Geografia e Literatura enquanto áreas de conhecimentos. Diante disso, a Geografia enquanto ciência somente poderá estabelecer de um diálogo com a Literatura a partir do momento em que os autores entenderem a Literatura como representação de determinado espaço. Assim, deve ser pensada como uma leitura realizada a partir de determinados princípios, o que faria com que a Geografia não mais reivindicasse para si a verdade da palavra em determinados diálogos, deixando-a mais apta a considerar a subjetividade que lhe torna inerente, mesmo porque tanto as pesquisas geográficas quanto as obras literárias acabam sendo interpretações do que denominamos realidade. E, mesmo

havendo regras criadas no sentido de ordenar tanto o discurso científico quanto o literário, compreende-se que a ciência e as artes são interpretações das leituras criadas pelos sujeitos que estão em constantes contatos com o mundo.

Assim sendo, compreendemos que os geógrafos e os literários estão em constantes produções do conhecimento por meio da linguagem, buscando desenvolver de forma racional e imaginativa os objetos de sua atenção. Para tanto, é necessário que a produção do conhecimento leve em consideração as diferentes manifestações do sujeito, os diferentes lugares que estão inseridos, os aspectos sociais, econômicos e culturais dos indivíduos sobre um determinado lugar.

Diante disso, Marandola (2006) e Oliveira et al (2013) destacam que ao pensar a relação entre Geografia e Literatura não se pensa apenas na aproximação de dois campos de conhecimento, mas no diálogo entre as duas áreas do conhecimento que envolvem a aproximação de duas visões de mundo, pois cada uma possui suas especificidades, virtudes e limitações. Talvez, uma aproximação de forma simplificada reduziria o potencial de uma ou de outra. Ou seja, ler literalmente a Geografia ou ler cientificamente a Literatura em que os discursos se traspõem produziria deformações e reduções diminuindo as riquezas da interação e da permeabilidade.

Para Marandola (2006), a espacialidade é definida como manifestação dos fatos geográficos em sua essência, pois estabelecem relações perpassando pela política, economia, cultura, sociedade e natureza. Logo, o texto literário consegue traduzir os significados e valores vividos pelas pessoas tanto no patamar individual quanto no coletivo por meio das relações sociais.

Portanto, a constituição da Literatura como documento que conta, reconta, cria e recria um momento do espaço-temporal, que traz elementos para se pensar a sociedade e também o espaço constituem o ambiente pelo escritor, fazendo com que os escritores sejam testemunhas de seu tempo, podendo captar “eventos” retratando os aspectos da condição humana.

Destarte, a característica da Literatura como documento encontra-se presente em peças pré e pós-abolicionistas de Martins Pena, por exemplos, o Juiz de Paz na Roça (1838); O Diletante (1844), O Cigano (1845), As desgraças de uma criança (1845), O noviço (1845), dentre outras. Por isso, a Literatura enquanto portadora desses sentidos e significados vem enriquecer e complementar a realidade buscada pelos geógrafos. As contribuições de Lima (2000) e Marandola (2006) nesse momento são interessantes porque afirmam ser a Literatura um veículo para a transmissão das intensas experiências humanas, partindo desse princípio, podemos afirmar que é por meio da obra literária que se pode mostrar a narrativa não apenas como a parte macro manifestada por meio da própria narrativa como também pelos valores dos indivíduos.

Tais valores ganham destaque quando o indivíduo na perspectiva de uma visão sinalizadora da vida, do espaço e também dos lugares vividos por meio da variedade de expressões que contribuem com as experiências dos sujeitos e do mundo em que vive e seu ambiente. Procuramos por meio dessas palavras afirmar o quão essa combinação é intensa no sentido de

estabelecer na trama das obras literárias os fatos objetivos e subjetivos sem a característica separação do discurso científico. Portanto, essa combinação evidencia uma visão holística da experiência do espaço, deixando-o mais próximo da realidade dos significados da essência da humanização das paisagens geográficas, naturais a serem construídas, conforme afirma Marandola (2006).

Os possíveis diálogos entre a Geografia e a Literatura levam-nos a perceber a maneira como as áreas de conhecimento podem não apenas trocar experiências, mas também construir novas formas de compreender o mundo que está a nossa volta e, nesse caso, perceber o lugar apenas sob uma única perspectiva, mas sim sobre a ótica da interdisciplinaridade.

4. Considerações finais

A busca pela compreensão sobre as aproximações entre a Geografia e a Literatura fazem-nos refletir sobre as duas ciências e também sobre a interdisciplinaridade. As experiências desdobradas aqui nesta pesquisa advêm tanto das possibilidades de aproximação entre a Geografia e a Literatura quanto da relevância da interdisciplinaridade para que esta pesquisa fosse desenvolvida.

A perspectiva interdisciplinar permeia todo o texto, dado que a mesma vem ganhando importância dentro do meio acadêmico. E foi a partir dessa ótica que buscamos estabelecer o diálogo entre a Geografia e a Literatura. Portanto, ao trabalharmos com ideias e conceitos que possibilitam a troca de conhecimentos entre as duas áreas, procuramos abordar de forma específica, o conceito de lugar, palavra que compõe o título do romance *Um Lugar ao Sol*, que por sua vez é estudado neste artigo.

Isto posto, concebemos a existência de estudos, comparações e teorias pertencentes às disciplinas. Daí, ao serem expostos os conceitos sobre o lugar tanto para a Geografia quanto para a Literatura já que ambas por meio de teorias apontam as diferenças entre si, divergências essas que se dividem em duas classes: a primeira são as afirmações supostas pelas teorias aqui apresentadas e a segunda: são as afirmações típicas de cada teoria.

O campo de estudo interdisciplinar é amplo e profundo. E são inúmeras áreas do conhecimento que se beneficiam da interdisciplinaridade. Nesse sentido, a Geografia e a Literatura se valem desse campo, dado que a interdisciplinaridade é uma forma de fazer ciência. E como umas das principais conclusões em torno dos possíveis diálogos e aproximações entre as duas áreas do conhecimento afirmam a ideia de que enquanto ciência, a Geografia dialoga com a Literatura por se tratar de uma ciência interdisciplinar porque é por meio dela que é possível compreender outras ciências, como a Economia, História e Literatura, dentre outras.

Portanto, ao abordarmos conceitos, a partir da interdisciplinaridade, compreendemos que a Geografia tem como objeto de estudo o espaço geográfico, que por sua vez, é formado por arranjos de vegetação, água, clima, populações e seus habitats, movimentos, formações e transformações das cidades dos mais variados portes. Sob outra perspectiva, tem-se a Literatura com o pressuposto a reconstrução do mundo por meio das obras literárias, bem como a capacidade de interiorizar os sentimentos das personagens e as representações da sociedade. Além disso, a Literatura também traz consigo as experiências do autor assim como o grupo social ao qual ele pertence. Daí ser possível definir a Literatura como um instrumento de interpretação do mundo.

Além disso, a Literatura também tem valor documental já que consegue contar, recontar, criar e recriar momentos dentro de um dado tempo-espaço trazendo consigo elementos para pensar a sociedade e o espaço, ambos fazem com que os escritores sejam testemunhas de seu tempo.

As aproximações e diálogos entre a Geografia e a Literatura abordadas neste artigo se fazem concretas devido não só a percepção que se tem sobre a troca de experiências entre as áreas de conhecimento, mas também as possibilidades de construir novas maneiras de perceber o mundo que está a nossa volta e, principalmente compreender o lugar a partir da perspectiva interdisciplinar e não por apenas uma ótica.

Agradecimentos

A CAPES pelo apoio na pesquisa.

Referências

ALVARENGA, A.T. *et al.* Histórico, fundamentos filosóficos e teórico- metodológicos. In: PHILIPPI J., Arlindo; S. N, A. J. **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Ed. Manolle, Barueri, SP. 2011.

BELINI, L. M. O estatuto da interdisciplinaridade: conceito, uso e modalidade. In: Pátaro C. S.; BOVO, M. C. **Formação Humana: espaços e representações**. Campo Mourão: Editora da Fecilcam, 2016.

BROSSEAU, M. (2007) Geografia e Literatura. In: Corrêia, R. L; Rosendahl, Z.. (Orgs.).**Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUFRJ: 46.

CASTRO, J. F. Geografia e Literatura: Da Aproximação ao diálogo. In: SUZUKI, J. C.; LIMA, A. P; CHAVEIRO, E. F. **Geografia, Literatura e Arte: epistemologia, crítica e interlocuções**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. p.344.

CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z.. **Literatura, música e espaço**. EdUERJ, 2007.

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade – Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: **O é que é interdisciplinaridade?** Ivani Fazenda (org.). São Paulo: Cortez, 2008. p.14.

FAZENDA, I. C. A. **Integração, interdisciplinaridade no ensino brasileiro:efetividade ou ideologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2011. 173p.

FERNANDES, F. M. Geografia e Literatura (Ciência e Arte): Proposições para um diálogo. **Revista Espaço**

E Cultura, n.33, p. 167-176, jan./jun. 2013. Disponível em:< <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/8472>>. Acesso 02 jan. 2023.

FERRAZ, C. B. O. Literatura e Espaço: Aproximações possíveis entre arte e geografia. In: SOUZA, Adáuto de Oliveira et. al. **Transfazer o espaço**: ensaios de como a literatura vira espaço e vice-versa. Dourados: Ed. UFGD, 2011. 194 p.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Imago editora, 1976.

LEFEBVRE, H. **A Produção do espaço**. Paris: Anthropos, 1974.

LEFBREVE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1980.

LIMA, S. T. G. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**, v. 15, n. 30, p. 7-33, 2000. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/14190>>. Acesso 02 jan. 2023.

MORAES, A. C. R. **Ideologias geográficas**. São Paulo. Annablume, 2005. p. 32.

MARANDOLA, JR. O Geógrafo e o Romance: Aproximação com a cidade. **Revista Geografia**, Rio Claro, SP, p.61- 81, n 1, v. 31, jan./abr.. 2006. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1340>>. Acesso 02 jan.2023.

MARANDOLA JR, E.; OLIVEIRA, L. Geograficidade e Espacialidade na Literatura. **Revista Geografia**, Rio Claro, SP, p.487-507, n 3, v. 34, set./dez.2009. Disponível em: < <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/4795>>. Acesso 02 jan.2023.

MIRANDA, R.G. Da Interdisciplinaridade. In: **O que é Interdisciplinaridade?** Ivani Fazenda (org.). São Paulo: Cortez, 2008. p. 113- 122.

OLIVEIRA, M. E.; FREIRE, M; CHAVES, S. W. F. Rachel de Queiroz: uma mulher à frente do seu tempo. **Pontos de Interrogação - Revista de Crítica Cultural**, v. 2, n. 1, p. 203-215, 2012. Disponível em: < <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1541>>. Acesso 02 jan. 2023.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e Integração dos saberes. **Liinc em Revista**, n.1, v.1, mar.2005, p.3-15. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3082>>. Acesso em: 02 jan. 2023.

RAYNAUT, C. Interdisciplinaridade: mundo contemporâneo, complexidade e desafios à produção e à aplicação de conhecimentos. In: **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação**. Ed. Manolle, Barueri, São Paulo. 2011. 103p.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Edusp, 2008.

VERISSIMO, E. **Um Lugar ao Sol**. Editora Globo: Porto Alegre, 1963. 175p.

VERISSIMO, E. **Clarissa**. Editora Globo: Porto Alegre, 1995.